

As autopeças estão produzindo e vendem “já a pleno vapor”

por Luis Leonel
de São Paulo

Passados quase dois meses desde a assinatura do decreto presidencial que alterou radicalmente o perfil da economia brasileira, as indústrias de autopeças estão produzindo “a pleno vapor”. É o que afirma o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), Pedro Eberhardt.

Segundo ele, um balanço mais apurado do setor é ainda impossível de ser feito. Adianta, entretanto, que a plena operacionalidade que se nota nas indústrias de autopeças — “fato facilmente constatável” —, aliada à disposição dos empresários de investir — “que existe” —, deverá permitir um incremento nos negócios. Para este ano, em relação ao anterior, Eberhardt prevê um crescimento superior à taxa de 5% projetada pelo próprio Sindipeças, em janeiro deste ano, antes do “pacote”, portanto.

“Achamos que vamos superar a meta que nós próprios estabelecemos no início do ano”, disse. Tanto assim que a entidade fará, em julho próximo, uma reavaliação da perspectiva anterior, já levando em conta as tendências da indústria pós-pacote. Dessa reavaliação poderão sair números mais altisssionantes, acredita Eberhardt.

Para ele, a saída encontrada nas negociações da taxa de deflação com as montadoras de automóveis (responsáveis pelo consu-

mo de 60% da produção da indústria de autopeças), permitindo acordos em separado por empresas, “foi uma solução satisfatória”. As pequenas e médias empresas, que atualmente faturam com prazos de até 90 dias, poderão, em troca de um deflator maior, obter uma redução nos prazos concedidos. As grandes, cujos prazos são de 30 a 45 dias, buscarão fixar índices de deflação menores.

O setor, de acordo com Eberhardt, encontra-se com uma defasagem de 25% em seus preços. E que o CIP, em janeiro, só permitiu um repasse de 10% aos preços, quando as empresas haviam pedido 15%. O diferencial perdido, de 10%, somado aos 15% representados pela inflação de fevereiro, consolidou uma defasagem de 25%. Isso, sem computar o aumento no custo da mão-de-obra, que foi de 8%.

Segundo Eberhardt, o setor faturou US\$ 5,3 bilhões em 1985, cerca de 15% mais que em 1984. Desse total, 60% originou-se das vendas para as montadoras; 25%, das vendas para o mercado de reposição; 12%, das exportações; e o restante, das vendas para os setores de armamentos e de eletrônica.

Na conjuntura da economia estabilizada, o presidente do Sindipeças acredita que crescerão os investimentos do setor. “Temos de investir US\$ 500 milhões neste ano”, disse. Novas máquinas, automáticas e tradicionais, e laboratórios deverão ser adquiridos para modernizar o setor.